

Escala de Autopercepção de Harter para Adolescentes: Um Estudo de Validação.

Adaptado de Bandeira, D. R., Arteche, A. X. & Reppold, C. T. (2008). *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 24 (3), 341-345.

O interesse pelas autopercepções do *self* pode ser observado desde a época da filosofia grega (Harter, 1999) e os estudos das atuais conceitualizações acerca da autopercepção podem ser encontrados antes mesmo do século XX, nos trabalhos de James, Adler, Mead e Cooley, por exemplo (Gobbita & Guzzo, 2002). No entanto, foi durante o último século que esse tema emergiu como um dos constructos centrais da psicologia (Brown & Marshall, 2001; Greenwald & cols., 2002; Tafarodi & Milne, 2002), especialmente em trabalhos acerca da auto-estima.

Ainda hoje, são muitas as divergências acerca das variáveis que associam a autopercepção ao *self*. Entre as principais controvérsias, destacam-se três: a primeira diz respeito aos termos que designam a autopercepção e suas definições teóricas (auto-estima; auto-representação; auto-conceito; auto-competência...). A segunda, ao modelo explicativo das variáveis: trata-se de um constructo multifacetado, composto por diferentes domínios, ou uma medida global? A terceira refere-se à estabilidade da autopercepção, especificamente ao questionamento se esse constructo representaria um estado ou um traço de personalidade. Essas diferenças implicam distintas formas de mensuração dessa variável (Nugent, 2004; Robins, Hendin & Trzesniewski, 2001) e divergências acerca da validade de conteúdo dos instrumentos que se propõem a avaliar o constructo autopercepção.

Um dos instrumentos mais utilizados para avaliação da autopercepção do *self* é a Escala de Autopercepção de Harter. Harter (1999), no seu livro *Definições sobre o Self*, indica que a diferença essencial entre os termos que se referem a autoavaliação do *self* está na presença ou ausência de julgamento de valor. No entanto, a autora refere que mesmo estudos que focam as autodescrições não devem ser considerados livres de julgamento de valor. Esse ponto de vista é compartilhado por outros autores que afirmam que embora nomeiem o constructo como auto-estima, o descrevem de forma similar ao de

autopercepção, dizendo que o mesmo envolve um julgamento de valor afetivo do indivíduo sobre seus predicados pessoais (Bandura, 1997; Bosma, Graafsma, Grotevant & Levita, 1994).

Greenwald e cols. (2002) definem operacionalmente auto-estima como “a *associação do conceito sobre o próprio self com um atributo de valor sobre o mesmo*” (p. 5) e a distinguem de auto-conceito, indicando que este é “a *associação do conceito sobre o próprio self com uma ou mais características (sem juízo de valor)*” (p. 5). No que diz respeito à auto-estima e autocompetência, Hermann, Leonardelli e Arkin (2002) indicam que esses são constructos distintos. Enquanto a auto-competência refere-se a quanto a pessoa se considera capaz em determinadas habilidades, a auto-estima refere-se ao julgamento global do sujeito sobre si mesmo.

Quanto ao modelo explicativo da autopercepção, Harter (1999) questiona a unidimensionalidade do constructo e sua posição e explicita em relação à defesa da multidimensionalidade.

A concepção de Harter contrapõe os teóricos que sugerem que a auto-estima é um constructo global. Estes indicam que ao avaliar sua própria auto-estima, a pessoa pondera sentimentos positivos e negativos sobre o *self*, fazendo uma avaliação geral sobre si (Hermann & cols., 2002; Robins & cols., 2001).

Com essas duas formas de compreender a estrutura da auto-estima, foram desenvolvidos diferentes instrumentos para sua avaliação. A Escala de Autopercepção de Harter (1999) é o principal representante da perspectiva multidimensional e a Escala Rosenberg (1979) é o instrumento mais utilizado para avaliação unidimensional, sendo também o mais utilizado em pesquisas acerca da auto-estima (Tafarodi & Milne, 2002; Whiteside-Mansell & Corwyn, 2003).

Alem da decomposição da auto-estima em diferentes subfatores, alguns autores propõem que essa medida deva ser avaliada em diferentes domínios (social, escolar, familiar, etc...), sugerindo que os sujeitos possam ter percepções positivas de si em algumas áreas e não em outras. Afirmam, ainda, que tais interações são muito complexas para serem avaliadas por uma única medida (Vispoel Boo & Bleiler, 2001). Entre os expoentes desse modelo, destacam-se Harter (1998) e Coopersmith (1959).

Apesar das diferenças teóricas sobre o caráter global ou multidimensional da auto-estima, percebe-se que tanto a Escala Rosenberg quanto o instrumento de Harter mensuram a auto-estima a partir de indicadores estáveis da personalidade (Block & Robins, 1993). Em relação à estabilidade da auto-estima, os estudos tendem a relacioná-la com outros aspectos de personalidade, analisando-a, assim, como uma medida estável. Segundo Block e Robins (1993), embora no início da adolescência os indivíduos sejam suscetíveis a maior inconstância dos sentimentos sobre si, a auto-estima tende à estabilidade ao longo do ciclo vital.

Para Harter (1999), é na adolescência que emergem as autodescrições baseadas em abstrações a respeito do *self*, uma vez que novas habilidades cognitivas são desenvolvidas nessa etapa do desenvolvimento. Além disso, é durante a adolescência que o jovem mostra-se mais preocupado com o que as outras pessoas pensam sobre ele, o que parece levar a uma baixa nos níveis de auto-estima na adolescência inicial e média. Cabe destacar que durante esse processo, as meninas apresentam mais pontos de conflito do que os meninos, assim como dão mais importância aos relacionamentos interpessoais.

Escala de Autopercepção de Harter para Adolescentes

A Escala de Autopercepção de Harter para Adolescentes é uma adaptação da Escala de Autopercepção de Harter para Crianças (Harter, 1985). A versão infantil foi elaborada a fim de avaliar julgamentos referentes a domínios específicos, bem como de obter uma avaliação global da autopercepção. Para tanto, foi dividida em cinco percepções: competência escolar, aparência física, aceitação social e comportamento. A versão para adolescentes foi baseada nos mesmos princípios, sendo mantida a avaliação global e acrescentados três novos domínios: trabalho, amizade e namoro. Cada fator é composto por cinco itens e objetivam investigar diferentes aspectos da autopercepção, conforme abaixo descrito:

1. Competência escolar: avalia a percepção do adolescente em relação à sua competência diante das demandas escolares, por exemplo, como é o seu desempenho na sala de aula e o quão inteligente ele julga ser.

2. Aceitação social: investiga o grau com que o jovem é aceite por seus pares, o quanto se sente popular, quantidade de amigos e facilidade para se relacionar.
3. Competência atlética: avalia a percepção do jovem acerca das suas habilidades para o desporto, por exemplo, sentimento de quanto bom é o seu desempenho no desporto e nas atividades atléticas.
4. Aparência física: verifica o grau de satisfação do adolescente com a sua aparência, se gosta do seu corpo e se o considera bonito.
5. Trabalho: investiga a extensão em que o examinando possui habilidades para o trabalho, se considera que está apto a realizar atividades laborais e sente que possui um bom desempenho nas suas tarefas.
6. Namoro: verifica se o adolescente se sente atraente, se consegue envolver com quem deseja e se se sente interessante para um encontro.
7. Comportamento: avalia o nível em que o jovem está satisfeito com o seu comportamento, se age de forma correta e evita situações-problema.
8. Amizade: investiga a habilidade para fazer amigos, bem como para compartilhar questões pessoais e segredos.
9. Auto-estima: avalia a extensão em que o adolescente está satisfeito consigo mesmo, com a forma como conduz sua vida e se, em geral, é feliz. Constitui um julgamento global ao invés de uma avaliação por domínios.